

## **Violência e Vincularidade: O Jogo das Diferenças e o Sujeito como Efeito do Poder**

### **Violence and Vincularidade: The Game of the Differences and the Citizen as Effect of the Power**

Ariane de Freitas Severo<sup>1</sup>

*"Nos vínculos com os outros, circulam sexualidade e relações de poder. Não remetem um a outro, circunscrevem dois universos distintos que podem sobrepor-se. São instituições do sujeito tanto em relação ao outro como com o social."(Berenstein, 2001).*

**Resumo:** Este estudo revisa as definições de poder, relações de poder e violência, mostrando a atualidade e relevância do tema na clínica vincular. Aponta que o poder se exerce pela presença, exigindo novos aportes teóricos, a partir da concepção de que as relações de poder se dão na intersubjetividade e operam a partir do jogo das diferenças.

**Summary:** This study revises the definitions of power, relations of power and violence, showing the present time and relevance of the subject in the clinic to tie. It points that the power exerts in the presence, demanding new arrive in port theoretical, from the conception of that the relations of power give in the intersubjectivity and operate from the game of the differences.

**Descritores:** Berenstein, Foucault, Blanchot, Avúnculo e Édipo ampliado.

**Keywords:** Berenstein, Foucault, Blanchot, avunculus and extended Edipo.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Psicanalista CEP-PA, Professora Colaboradora da FAPA, Membro Efetivo e Professora do CIPT.

Berenstein ao refletir sobre as origens do sofrimento humano sustenta que temos padecimentos calcados na *presença do outro* que se impõem, gerando novos sentidos e subjetivações. E que as relações com os outros são as *inconscientes relações de poder* que, até então, não tinham sido compreendidas, a não ser dentro na teoria pulsional. O tema ocuparia Berenstein por muitos anos, a partir do seu desenvolvimento do Édipo ampliado<sup>2</sup>, base inconsciente da estrutura identificatória do *Eu* e de sua *pertença*.

*Para o efeito de considerar o poder, sugiro incluir na estrutura de Édipo, Creonte e ampliar o complexo para dar abertura a outro conjunto de emoções e mecanismos vinculados ao poder, como a imposição pela necessária presença do outro(...)*

*Na tragédia, estão os campos da sexualidade e do saber, do enigma e do poder. Na tragédia de Édipo há duas dimensões: a sexualidade, que foi tratada por Freud e pela psicanálise nos seus primeiros cem anos, e o poder, que espera para ser desenvolvido daqui para frente.*<sup>3</sup>

*Poder e sexualidade não são a mesma coisa. Aceder ao trono deveria diferenciar-se de aceder ao corpo da mãe.*

*Sexualidade* estaria ligada com a *ausência* do outro e *poder* com a *presença*. Desde então, passamos a nos ater e interessar pelo seu estudo e entendimento, tentando acompanhar sua teoria em constante construção.

O *poder* na psicanálise clássica está ligado à pulsão de domínio, propondo uma organização unidirecional, coerente com este modelo. Autores como Berenstein e Puget encontram em Foucault a base sólida para ampliar esta teoria. Assim como a física clássica não é mais o contexto do universo, para estes autores, a teoria das pulsões continua vigente, mas não dá conta destes jogos estratégicos onde um trata de determinar a conduta do outro.

O poder reingressa na teoria como uma maneira de conceituar a vincularidade,<sup>4</sup> o poder como função vinculante e que opera a partir do jogo de diferenças, sustentada pelos efeitos de presença dos membros do vínculo.

Temos usado o termo vínculo no sentido amplo de uma situação inconsciente que, ligando dois ou mais sujeitos, os determina na base de

---

<sup>2</sup>Berenstein ampliou a estrutura de Édipo incluindo a figura de Creonte e ampliando ao complexo para dar abertura a outro conjunto de emoções e mecanismos vinculados ao poder, como a imposição pela necessária presença do outro. O quarto termo é o "Avúnculo" literalmente tio materno, representante do poder da família materna, uma ampliação dos conceitos de Lévi Strauss (1958) que intervém na mente da esposa/mãe como um ideal e como uma relação afetiva que não permite o desenvolvimento do vínculo de casal. Para ver mais detalhes em *Psicoanalisar uma Família* p124 e136 e *Família e Inconsciente* p30. Em Notas Sobre o Complexo de Édipo in *El Sujeto Y El Otro De la ausencia a la presencia*.

<sup>3</sup> Berenstein, I. (2001) p26, 27.

<sup>4</sup> Vincularidade é o termo com que denominamos a produção de relações entre sujeitos. Berenstein (2004)p25.

uma relação de presença. A presença é essa evidência do outro que incide sobre o sujeito e lhe impõe uma marca e modifica a sua subjetividade.<sup>5</sup>

As relações de poder criam um espaço de opinião, idéias, onde prima o jogo de diferenças e sentimentos de ordem da tolerância e intolerância e complacência.

Existem conexões entre impor e apropriar-se de um lugar, de valores, de modelos. A capacidade de gerar práticas e resultados imprevisíveis<sup>6</sup> instaura um estado mental que oscila entre impor um alheio<sup>7</sup> e um alter<sup>8</sup>. A necessidade de apropriar-se do imposto e transforma-lo, tem como conseqüência o deslocar o outro: o emitindo se transforma e regressa irreconhecível o que por sua vez desloca quem recebe o que crê haver dado, mas já não é igual.<sup>9</sup>

Nas relações de poder, nos deparamos com fenômenos complexos que não obedecem a nossa lógica cotidiana. Precisamos dizer como o vínculo é investido de poder através de um trabalho cotidiano, meticoloso, insistente. Falar dos micro poderes<sup>10</sup> que se exercem no cotidiano é referir-se ao poder no espaço privado, mais especificadamente, nas relações de poder. Não devemos nos deter no excesso de poder que se visualiza no espaço público<sup>11</sup>, visível na figura do personagem Creonte, tirânico, ou quando o grupo, através da força das armas, impõe sua ideologia, sua direção política e econômica sobre os demais.<sup>12</sup>

Existe uma confusão entre o conceito de poder e violência, entre diferentes autores psicanalíticos que trabalham com o inconsciente e não com o conceito de poder. Hanna Arendt (2005) escreve:

*Penso ser um triste reflexo do atual estado da ciência política que nossa terminologia sobre violência não distinga entre palavras-chave tais como "poder" (power), "vigor" (strengt),*

---

<sup>5</sup> Refiro a interpenetração de mundos psíquicos. Subjetividade seria essa oferta identificatória que toda cultura oferece e o processo de apropriação dessa oferta: subjetivação cujo resultado é o sujeito.

<sup>6</sup> Puget, J (2002) p106,107.

<sup>7</sup> Este termo vem de Alan Badiou (1977). É o desconhecido, o estrangeiro, o estranho, o incognoscível e sua presença questiona a própria subjetividade e as representações sobre as quais se sustenta. É o que faz com que o outro seja outro. Para aprofundar. Berenstein (2004)p.35,128 e133.

<sup>8</sup> Outro provém de alter: outro entre dois. "A presença alheia incide fortemente no sujeito de maneira tal que este não poderia desestimá-la e nem poderia ter sentido fora dessa ligadura com esse sujeito chamado outro" Berenstein (2004) p93.Reconhecer o outro na diferença e singularidade são atributos da alteridade

<sup>9</sup> Puget (2003) p106.

<sup>10</sup> Foucault, M. Microfísica do Poder. p149

<sup>11</sup> Ver mais em Berenstein na conferência: Amor, poder e sexualidade nos vínculos na contemporaneidade, agosto (2006), VI Jornada anual do CIPT, onde faz uma diferenciação entre o conceito de poder e relaciona excesso de poder como o ser significado como substantivo: algo que vem do social e que provoca uma mudança brusca e decisiva na vida, na subjetividade e no corpo das famílias onde não existe mais sujeito e a pessoa é apenas um objeto da propriedade do estado, na dimensão da coisa, submetido ao outro e não como verbo que está ligado a uma ação e ao poder/ fazer.

<sup>12</sup> Berenstein I, Congresso (2006) CIPT.

*"força"(force), "autoridade" e, por fim, "violência" – as quais se referem a fenômenos distintos e diferentes.<sup>13</sup>*

Berenstein, por ocasião da Jornada do CIPT, em agosto de 2006 nos alertou para estas confusões semânticas, citando Foucault: *"Violência e poder, não são a mesma coisa".* O poder em Berenstein é um saber fazer. Assim como Berenstein, também não compartilhamos do conceito de *violência como sinônimo de excesso de poder.* Na violência não existe mais poder.

*Violência é uma ação que está dirigida para suprimir ou destruir o outro<sup>14</sup>*

O que é de alguma forma complementada pela afirmação de Birman (2003) segundo a qual a violência é: <sup>15</sup>

*Saquear o outro, naquilo que tem de essencial e inalienável. Eliminação do outro, se este resiste e faz obstáculo ao gozo do sujeito. Tomar o outro como objeto para suprimi-lo. A violência impede a manifestação do outro na sua singularidade.*

A violência está carregada de morte. Poder é um produto do vínculo, é instituinte do vínculo, a relação de poder se dá na intersubjetividade.<sup>16</sup> A negação do outro constitui uma violência; é um movimento irracional, faz sair de seus limites aquele que a sente. Nessa confusão conceitual, para definir o que penso, usarei uma citação de um trabalho de Machado, (2005):

*O poder e a violência são opostos; onde um domina absolutamente, o outro está ausente. A violência aparece quando o poder está em risco, mas deixada a seu próprio curso, ela conduz a desaparecimento do poder.<sup>17</sup>*

Neste mesmo trabalho sobre a violência e poder, a autora explicita a idéia de poder como *ação*, como um *fazer*.

*A identidade e a singularidade do homem realizam-se na esfera pública, no âmbito do discurso e num processo de oposição/identificação com o discurso do outro. A identidade é um construção contínua e plena de incertezas... A ação diz Hannah Arendt é a única atividade que se exerce diretamente entre os homens<sup>18</sup>, é a construção e a interpretação do discurso, é a mediação entre as coisas e os seres humanos, corresponde à condição humana da pluralidade... É na ação que se atribui significado e se constrói o mundo, o que significa dizer que o*

<sup>13</sup> Arendt, H. (1994), p36 in *Violência ou Poder: O que ocorre dentro da sala de aula? Uma leitura a partir de Hannah Arendt* um trabalho de Machado, E. (2005) p6.

<sup>14</sup> Berenstein, I, idem conferência, p4.

<sup>15</sup> Birman, J (2003) *Ethos e a violência* p46, 97 in *O Mal – Estar na Contemporaneidade*.

<sup>16</sup> O intersubjetivo tem sentido a partir desse enlace entre o Eu e o Outro e que marca um entre sujeitos. Lembrando que este "outro" é dotado de semelhança e diferença.

<sup>17</sup> Arendt, H. p44 in Elisabeth, M.(2005)

<sup>18</sup> Arendt. H.(1958) p15,16,17,31,345.

*homem se constrói na ação e nela se significa.*<sup>19</sup> *enquanto a força é qualidade natural de um indivíduo isolado, o poder passa a existir entre os homens quando eles agem juntos, e desaparece no instante em que eles se dispersam...*<sup>20</sup> *O poder está no palco da ação e do discurso*<sup>21</sup>.

Berenstein, em 2001, definiu *poder* como:

*Uma relação de imposição entre um sujeito e o outro que leva a uma modificação do corpo e da subjetividade. Resultante do posicionamento de lugares onde a comunicação se estabelece entre alguém que impõe a alguém a quem é imposto. Relação submetedor submetido. O poder como uma ação possível ou um saber do sujeito em relação ao outro*<sup>22</sup>

Já, em 2006, afirmou diferentemente que o *poder* é uma *ação*, uma *potência*<sup>23</sup>, atividade para modificar; um ato verdadeiramente intersubjetivo, que leva a modificar os sujeitos em relação com a sua identidade, porque um sujeito impor sua presença é inerente. São *movimentos de imposição recíprocos*<sup>24</sup>, onde um sujeito deixa sua marca no outro e o coloca numa nova subjetividade. E, se a marca existe, força-nos a fazer algo com ela: recebê-la, modificá-la e modificar a si mesmo.<sup>25</sup> A presença é necessária e sua imposição questiona as ações, o pensar do outro e pode operar como obstáculo para a continuidade da identidade e, então, subjetivar e desubjetivar. Quando Berentein fala "outro" se refere a relação intersubjetiva cuja marca é a presença mas isso não significa que deva estar sempre ali, mas que este alheio produz efeitos.

Para explicitar melhor o conceito de *potência* citamos Blanchot (2001), em *A Conversa Infinita*:

*Nossas relações no mundo e com o mundo, são sempre, finalmente, relações de potência, onde a potência está em germe na possibilidade. Ficando nos traços mais aparentes de nossa linguagem, quando falo, tenho sempre uma relação de potência. Eu pertencço, quer saiba ou não a uma rede de poderes da qual me sirvo, lutando contra a potência que se afirma contra mim.*

A possibilidade de um maior entendimento das relações de poder foi dada por Foucault. Sustenta que o problema verdadeiro, o de todo mundo na atualidade é o *poder*. Ele situa a emergência desse problema nos anos 50 e afirma que todas as pessoas de sua geração procuraram compreender essa questão. O poder é o fio condutor na elaboração de sua obra, embora nunca

---

<sup>19</sup> Arendt, H. in Machado, E. (225) p5.

<sup>20</sup> Arendt, (1958) A condição humana.p213.

<sup>21</sup> idem p216.

<sup>22</sup> Em conferência na VII Jornada Anual do CIPT " *O Sujeito de seus Vínculos*", 2006.

<sup>23</sup> É o espaço emergente, onde existe a criatividade, um espaço a ser criado – intersubjetividade.

<sup>24</sup> O itálico é meu.

<sup>25</sup> Idem p4.

tenha escrito um livro dedicado à questão do poder.<sup>26</sup> Numa entrevista a Gilles Deleuze em 1972, explica como começou seu interesse pelo poder.

Afirma Foucault:

*Marx e Freud talvez não sejam suficientes para nos ajudar a conhecer esta coisa tão enigmática, ao mesmo tempo visível e invisível, presente e oculta, investida em toda parte, que se chama poder.*<sup>27</sup>

Sustenta que a análise tradicional dos aparelhos de Estado, sem dúvida, não esgota o campo de exercício e funcionamento do poder e interroga: *Quem exerce o poder? Onde se exerce o poder?*

E também em *Microfísica do Poder* (1985).

*Ninguém se preocupava com a forma como ele se exercia concretamente e em detalhe, com sua especificidade, sua técnica e suas táticas. Contentava-se em denunciá-lo no outro, no adversário ... mas sua mecânica nunca era analisada. Só se pôde começar a fazer este trabalho depois de 1968; isto é, a partir das lutas cotidianas e realizadas na base com aqueles que tinham que se debater nas malhas mais finas da rede de poder. Foi aí que apareceu a concretude do poder, que tinha como objetivo dar conta destas coisas que até então tinha ficado à margem do campo da análise política. (...) Pode-se dizer que o que aconteceu a partir de 68 – e, provavelmente, aquilo que o preparou – era profundamente antimarxista.*<sup>28</sup>

O poder, a partir deste autor, não tem por função única reproduzir as relações de produção. As redes da dominação e os circuitos da exploração se recobrem, se apóiam e interferem uns nos outros, mas não coincidem. Foucault diz que, se quisermos apreender os mecanismos de poder (em sua complexidade e detalhe), não podemos nos ater unicamente à análise dos aparelhos de Estado. Para ele, o poder vai muito mais longe, passa por canais muito mais sutis; é muito mais ambíguo, porque cada um de nós, é no fundo, titular de um certo poder e, por isso, veicula o poder.<sup>29</sup>

A análise que Foucault propõe e realiza, estuda o poder não como uma dominação global e centralizada, mas como tendo uma existência própria e formas específicas ao nível mais elementar. O estado não é o ponto de partida necessário, o foco que estaria na origem de todo tipo de poder.

O autor passou a distinguir um tipo de poder periférico, passou de um nível macro ao micro para detectar as características de relações de poder. Para ele o poder não existe; existem práticas ou relações de poder. Não é um objeto, mas uma relação e, nada está isento de poder. Qualquer luta é sempre uma resistência dentro da própria rede do poder. A idéia é mostrar que essas relações não ocorrem nem num nível do direito, ou da violência,

<sup>26</sup> Ver mais em Motta, M. B. Organizador - Coleção Ditos 7 Escritos IV- *Michel Foucault Estratégia, Poder-Saber* da Editora Forense Universitária, 2003.

<sup>27</sup> Foucault M. in Os intelectuais e o poder. Conversa com Michel Foucault em 4 de março de 1972 realizada com Gilles Deleuze in *A ilha deserta* 2006.

<sup>28</sup> Foucault, M. *Microfísica do Poder* (1985) p 6, 147.

<sup>29</sup> Idem p160.

nem são unicamente repressivas. Seria errado definir o poder como algo que diz não, que impõe limites, que castiga. Ele não é essencialmente como um aparelho repressivo do Estado, uma concepção negativa, nem seu modo básico de intervenção sobre o sujeito se daria em forma de coerção.<sup>30</sup> O poder é co-extensivo ao corpo social e as relações de poder são intrincadas em outras relações: de produção, de aliança, de família, de sexualidade em que desempenham um papel ao mesmo tempo condicionante e condicionado.<sup>31</sup>

Somos submetidos pelo poder e exercemos o poder. Os casais se encontram obrigados e condenados de forma constante e intensa pela luta de poder. Não estamos dizendo da soberania de um sobre o outro, mas de dominação. E não de dominação de um sobre o outro não o rei em sua posição central, mas os súditos em relações recíprocas. De múltiplas sujeições que existem e funcionam no interior de uma relação.<sup>32</sup> Na vida a dois o outro é o campo de aplicação e o alvo onde se produz os efeitos do poder; isto é, onde este se implanta e *realiza - faz*. Esses processos contínuos, ininterruptos, simultâneos, dirigem gestos e regem comportamentos. Pouco-a-pouco, progressivamente, os cônjuges/súditos, se deixam submergir nessa luta de forças, pensamentos e idéias. Cada qual tentando impor o seu jeito de pensar e agir como o correto: cuidando, vigiando, controlando, denunciando, acusando.

Não tomamos o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre o outro, ou de um grupo sobre os outros grupos. Em Foucault o poder é entendido como não sendo uma instituição, nem uma estrutura, nem um poder estatal, mas um lugar estratégico onde se encontram as relações de poder. O poder é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.<sup>33</sup> Trata-se de um tipo particular de relações entre indivíduos. E essas relações são específicas:

*Como algo que circula, ou melhor, como algo que funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (...) **Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constitui.***<sup>34</sup>

A questão do poder fica empobrecida quando colocada unicamente em um dos sujeitos. O poder é mais complexo, denso e difuso. Estamos falando

---

<sup>30</sup> Idem p XV.

<sup>31</sup> Foucault, M. *Estratégia, poder-Saber* (2003) in coleção Ditos & Escritos organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária.p 248, 249.

<sup>32</sup> Foucault, M. *Microfísica do Poder* (1985) p180,181.

<sup>33</sup> Foucault, Michel. *A Vontade de Saber*. p 88 e 89.

<sup>34</sup> Idem p183 e 184.

de *vínculo* e não de um e de outro. Os indivíduos são como partículas ou átomos, que se chocam uns contra os outros, como uma única forma de interação: a concorrência.<sup>35</sup> O senhor e o escravo são ambos personificação de instâncias da consciência, constituem e são constituídos por uma operação através da qual a consciência se desdobra, como diz Hegel, citado por Granã: "*Morto o escravo, estava falido o senhor*"<sup>36</sup>. Ou ainda, nas palavras de Graciliano Ramos, também citado por Granã (2005):

*O malandro veio ao mundo para esfolar, o otário deve ser esfolado – e, quer estejamos de acordo quer não estejamos, a operação dolorosa tem que realizar-se, porque isto é a vontade de Deus.*<sup>37</sup>

Essa dialética de Hegel senhor e escravo, tiranizado e tirano, carrasco e condenado traz a idéia de que o desejo de um encontra o seu sentido no do outro.

*Dialética entre dois termos: a opinião corrente e seu contrário, a doxa e o paradoxo, o cansaço e o frescor. Essa dialética binária da contradição cede a descoberta de um terceiro termo, que não é de síntese mas de portação: tudo retorna, mas retorna como ficção, isto é, numa outra volta da espira.*<sup>38</sup>

O paradigma mais puro que se possa imaginar, o do ativo/passivo, do possuidor/possuído, do gozador/gozado, do comedor/comido, em Foucault, se liberta da prisão binária e se expande, transformando-se em a novidade/o novo versus a estrutura/a estruturação.

Então cabe a pergunta: Quando entramos para uma zona de risco capaz de avançar para o que chamamos de violência? Qual o traço distintivo do poder? Diz Foucault (2003) que alguns homens podem mais ou menos determinar inteiramente a conduta de outros homens – mas nunca de maneira exaustiva ou coercitiva. O exemplo citado pelo autor figura tortura e violência.

*"Um homem acorrentado e espancado é submetido à força que se exerce sobre ele. Não ao poder. Mas se pode-se leva-lo a falar, quando seu último recurso poderia ter sido o de segurar sua língua, preferindo a morte, é porque o impelimos a comporta-se de certa maneira. Sua liberdade foi sujeitada ao poder. Ele foi submetido ao governo. Se um indivíduo pode permanecer livre, por mais limitada que possa ser sua liberdade, o poder pode sujeitá-lo ao governo. Não há poder sem recusa ou revolta em potencial.*<sup>39</sup>

<sup>35</sup> Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade.p41.

<sup>36</sup> *In A Carne e a Escrita* p139.

<sup>37</sup> *In A Carne e a Escrita* p145 Graciliano Ramos(1980), *in* Granã p149 " Esse embate entre possuidor, possuído,ciumento, enciumante – é a própria condição trágica do homem." A gente se identifica com o agressor. A agressão como resposta (...) e não lhe permitem mais saber se o tempo foi ou é". p135.

<sup>38</sup> Barthes, R (1995). *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo:Estação Liberdade,2003.p82.

<sup>39</sup> Ver p,384 Foucault, M. - *Ditos & Escritos*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2003.



Temos que falar de obediência, intimidação, aquelas manobras através dos quais um procura controlar o outro e vice-versa, uma transação que consiste em estímulo e resposta, onde a dupla apenas tem consciência de algo pesado. A intimidação inibe a capacidade de pensamento e ocorre durante a conversa sob a forma de interrupções, rapidez de discurso, vozes elevadas, gritos, palavras pesadas ou insultos mútuos. Aqui usamos a lógica como poderoso instrumento na sustentação de que somos o dono da verdade. As premissas podem ser falsas, mas o objetivo é desacreditar o argumento do outro e impor o nosso como verdadeiro. No final do conjunto de falácias o resultado é a anulação do ponto de vista do outro através do descrédito, mesmo que, para isso, tenhamos que utilizar opiniões alheias, exemplos, mexericos e estatísticas, ou até mesmo argumentos nos quais nem nós mesmos acreditamos para triunfar e exercer o poder. Onde costumamos exigir que nossa versão do fato, seu sentido seja o único possível. A versão do "Senhor", "Amo", "Ídolo": desestima, desvaloriza, desautoriza, não reconhece qualquer semantização, qualquer possibilidade de outras versões, havendo um incremento de agressividade, nesse duelo de narcisismos, onde a ternura é abolida e o que vale é a competição.

*A imposição de um único discurso ou de uma forma "normal" de comportamento retira do outro o seu poder de agir, abrindo, assim, a via para o estabelecimento da violência. A violência resume-se no agir sem argumentar, sem estar dentro de um processo discursivo que é a essência do poder.<sup>40</sup>*

As relações de poder entre os cônjuges aparecem como uma forma de imposição, uma imposição de presença que altera a subjetividade. Aqui aparece o momento de um casal onde cada um quer "fazer do seu jeito", mas não chegam a ter a intenção de destruição do outro. Ainda se encontram discutindo. Um diante do outro não tem outra escolha senão a de falar ou morrer.

### **Fragmentos clínicos**

*A filha do casal decide morar com o namorado numa praia pequena. Ambos abandonam o colégio e arranjam trabalhos de verão. Ela num restaurante e ele na construção civil. Os pais não aceitam o namoro e não concordam com a decisão da filha. Meses depois, o emprego dela termina com o final da temporada de veraneio. Para se manter resolve retornar a estudar e ter a ajuda dos pais. A mãe é contra, acha que deve retornar para casa. O pai está disposto a mandar uma mesada caso permaneça estudando. O casal discute. Cada um argumenta seus motivos. Ambos querem o melhor para a filha, mas não concordam um com o outro. O pai é o provedor e decide mandar o dinheiro mensalmente. A filha conclui o supletivo; o namorado ganha um terreno da família dele e decide construir. Novamente o casal entra em atrito. O pai quer ajudar na obra e a mãe acha que a filha fez a opção dela e que se eles ajudarem ela nunca vai viver de acordo com suas possibilidades, que não*

---

<sup>40</sup> Machado, E. (2005) p9

*vai amadurecer com os pais sempre facilitando tudo. Que a filha deve conquistar qualidade de vida como eles fizeram. O pai não vê problema em ajudar a filha já que tem condições. Quer que ela volte para casa por vontade própria e não por não ter outra opção. Meses depois estão finalizando a construção e a filha pede novamente auxílio. Novamente o mesmo problema se instaura. Pensam diferente em relação a qual seria a melhor maneira de educar ou ajudar a filha. Um não aceita e nem respeita a forma do outro pensar ou agir. Cada um quer impor seu jeito. Ele quer comprar uma geladeira. A mãe não concorda mas como sabe que ele vai dar de qualquer maneira, diz que deveria ser uma geladeira comum e não a duplex. O pai acaba comprando aquela que a mãe não queria argumentando que aproveitou uma liquidação.*

### Outro casal

*Ele, após a demissão e meses desempregado, é admitido numa empresa no exterior. Ela não quer deixar o trabalho, a família de origem, a vida que construiu. Ele não quer abandonar a carreira ou ganhar muito menos trabalhando no país. Faz todas as tentativas de levar junto mulher e filhos. No pacto de casal, estrutura da relação, estava escrito que ele jamais a separaria dos pais e irmãos. Ambos são muito apegados às origens. O marido propõe que tentem viver longe e não aceita a possibilidade de separação. A negociação é tensa e ambivalente nestas semanas que antecedem sua partida. Não conseguem cumprir com as combinações, desentendem-se constantemente e não passam juntos momentos importantes. A angústia toma conta e começam atuações. Ela se sente abandonada, desconsiderada e o agride beijando um estranho num bar. Um beijo avuncular que é interpretado como incestuoso e desencadeia uma avalanche de agressões. O casal não conversa mais, ele joga objetos, quebra a casa. Ela quebrou o pacto de fidelidade. Antecipa a separação. Ela queria ficar. Ele queria partir. Não chegaram a um entendimento e caminham para a violência onde um se ocupa da destruição do outro. Um não entende os argumentos do outro, nem escuta.*

### **A sutileza das proibições**

Na relação a dois sempre ocorre algumas proibições: Fechar a porta, apagar as luzes, apertar bem as torneiras, dar descarga no vaso, não apertar irregularmente o tubo de pasta de dente, não deixar comida no prato... Onde fica acordado o que é proibido e o que é tolerado.

*Juliane – É muito difícil conviver com o Lucas, porque todo mundo precisa viver conforme a cartilha dele para que tudo funcione. Se não ele vive estressado e gera um clima muito pesado em casa. Todo mundo fica tenso, pisando em ovos, para que o pai não se descontrole e "xingue". Vivemos sempre tendo que apagar todas as luzes, fechar todas as portas, fazer silêncio, abrir e fechar o gás, a torneira quente. Evitando as contas de luz, água e telefone. Só para te dar um exemplo. Primeiro tu tens que abrir a torneira fria, deixar tantos segundos, depois a quente se não... se estou com*

*a mão esquerda ocupada é natural que eu abra a torneira com a mão direita e vice e versa. É difícil pensar antes de agir. Mas lá em casa eu e as crianças vivemos nos policiando. Eu tenho que pensar como o Lucas diz que é para ser feito. Se não fazemos assim e ele vê, fica furioso; são dias sem falar comigo. A minha família costuma dizer que o Lucas mata mosquito com 38. Ele é conhecido na família como o tio brabo. É um inferno. Ficamos nos vigiando o tempo todo. É muito difícil viver assim. Ele tem razão que devemos trancar as portas para não bater. Só que eu não consigo fazer isso sempre. Sou meia desligada, mais light; lá pelas tantas eu esqueço, é natural. Sabe quando tu sai de uma peça e vai retornar logo e não apaga a luz? Ele enlouquece. Aí ele estraga o dia dele e o nosso. Na casa dele era bem pior, usavam lâmpada de 40W para economizar mesmo depois de terem um Mercedes na garagem.*

Inúmeras questões neste casal ficam descontextualizadas: A mudança de uma alimentação a outra - passar da comida da mãe à comida da mulher - de um lugar e um tempo para outro. A passagem pode exigir muito trabalho: ao mesmo tempo de luto e de renascimento. Lucas não mora mais com os pais; a mensagem de economia fazia sentido na época das vacas magras e perde o sentido com a garagem cheia de Mercedes. Na família de origem fazia sentido economizar, fiscalizar, controlar. Mas no novo vínculo, teria que adquirir um sentido específico. Estas perturbações contextuais coincidem muitas vezes com o fracasso da função paterna e seu papel de estabelecer um novo contexto, diferente do que cada um dos membros portava. Considero vínculo uma produção conjunta, gerada pelo intercâmbio afetivo entre os membros que o compõem e que produz um novo sentido diferente das famílias de origem.<sup>41</sup>

As leis universais são universais no sentido singular: válidas exclusivamente para o nosso universo. Um outro universo, nascido em condições diferentes, obedeceria a outras leis. Precisa haver uma interação, isto é, algo de intermediário entre o que existia antes e a desordem que se estabeleceu pela aliança. Os acordos, pactos, além da referência aos outros e ao antigo, precisam fazer referência ao novo e em relações complexas, ou seja, complementares, concorrentes e antagônicas. O novo refere que o sujeito não tinha marca prévia a sua inclusão nesse vínculo.

*"Fazer marca onde não há requer o mecanismo da imposição."* Berenstein (2001) p 95.

Quando falamos do poder no cotidiano, das relações de poder que se impõem diariamente, precisamos entender que no jogo existem regras que são imposições iniciais e princípios de interação. Mas que, lançados os dados, encontramos um jogo cada vez mais variado, mais aleatório, complexo, onde as peças se alternam. Também é importante observar como é regulada e implementada a lei. *Poder e saber* são usados para escamotear o inesperado das diferenças e servem, ainda, como prática alienada das identidades.

Estes fragmentos relatam o predomínio das qualidades de um dos componentes que anula a riqueza do jogo de diferenças.<sup>42</sup> Essas convicções baseadas em crenças, dogmas, mitos, manifestam-se através de uma linguagem de ação que obstaculiza a capacidade de pensar, impondo-se

<sup>41</sup> Para compreender melhor Berentein (2001-2004) Krakov (2003).

<sup>42</sup> Puget (2003) aborda as questões ligadas ao poder e a lei e as relações de poder em diferentes contextos.

como um *poder/saber*. A arrogância da palavra que vem da auto-confiança excessiva gera violência; o excesso de saber também leva à violência. Entre nós, Machado (2005) refere que ao ser privado do discurso, ou quando o sujeito é obrigado a introjetar um discurso como seu, vê-se diante da violência, que nada mais é do que *agir sem argumentar*. Lucas é quem sabe como deve ser feito. Antes da interrupção do diálogo, ele não pára, tornando-se, ao contrário, mais resoluto, mais decisivo; porém tão arriscado, que eles dois deixam para sempre de compartilhar um espaço comum. O poder deve circular; do contrário vicejará a violência. A palavra deve ser dos dois, de todos e não uma imposição de um sobre o outro. Um deve escutar o outro e vice-versa, um aprender com o outro e vice-versa, num processo de alternância e de reciprocidade, de circularidade de poder.

Blanchot, em *A conversa infinita* (2001) diz:

*Lembremos os terríveis monólogos de Hitler e de qualquer chefe de Estado, se ele goza do fato de ser o único a falar, e gozando de sua elevada palavra solitária, impõe-na aos outros, sem vergonha, como uma palavra superior e suprema da mesma violência do dictare, a repetição do monólogo imperioso. (...) se o discurso é coerente, ele deve sempre fragmentar-se mudando de protagonista, de um para outro, ele se interrompe: A interrupção permite a troca. Interromper-se para compreender-se, compreender-se para falar. (...) A interrupção é necessária em toda seqüência de palavras; a intermitência torna possível o devir; a descontinuidade assegura a continuidade do entendimento.. (...) a parada - intervalo é comparável à pausa ordinária que permite a alternância numa conversa. (...) Ela é a respiração do discurso. Nesta categoria entram todas as formas que dizem respeito a uma experiência dialética da existência e da história - desde a tagarelice cotidiana até os momentos mais elevados da razão, da luta e da prática. Interromper-se para entender-se.*<sup>43</sup>

Tomando ainda de empréstimo a palavra de Blanchot (2001):

*Mas existe um outro tipo de interrupção, mais enigmática e mais grave. Ela introduz a espera que mede a distância entre dois interlocutores, não a distância redutível, mas a irredutível.*<sup>44</sup>

Para este autor, entre estes dois tipos de interrupção, a diferença teórica é muito forte. Há interrupções que bloqueiam a conversa:

*Quando duas pessoas falam, o silêncio que lhes permite o falando juntos, falar cada um por vez, é apenas a pausa alternada do primeiro grau, mas já também, nesta alternância, pode estar agindo a interrupção pela qual indica-se o desconhecido. Quando o poder de falar se interrompe, não se sabe, não se pode nunca saber de fato o que acontecerá: a interrupção que permite a troca, ou aquela que suspende a*

<sup>43</sup> Blanchot, M. (2001) *A Conversa Infinita a Palavra Plural*. P 131 até 137.

<sup>44</sup> Blanchot, M. (2001) p132 e 133.

*palavra para restaurá-la em outro nível, ou a interrupção negadora que, longe de ser ainda a palavra que toma fôlego e respira, pretende – se possível – asfixiá-la e destruí-la para sempre.*

Temos primeiramente duas grandes distinções que correspondem à exigência *dialética* e *não-dialética* da palavra: *A pausa que permite a troca; a espera que mede a distância infinita.* Mas com a espera não é apenas a bela ruptura preparando o ato poético que se afirma, mas, também, e ao mesmo tempo, outras formas de suspensão, muito profundas, muito perversas, cada vez mais perversas, e de tal ordem que, quando diferenciadas, a distinção não afasta, mas postula a ambigüidade. Interrompe-se para entender-se. Entender-se para falar. Finalmente, falando apenas para interromper-se e tornar possível a impossível interrupção.

A partir de Blanchot, podemos definir três conjuntos de relações:

- (1) O humano deseja a unidade. Constata a separação e trabalha no sentido de tornar o outro idêntico. Ele quer reduzir tudo ao mesmo, mas também dar ao mesmo a plenitude do todo, a que ele deve chegar no final do processo. Nesse caso a unidade passa pelo todo, assim como a verdade é o movimento do conjunto, afirmação do conjunto como única verdade.<sup>45</sup>
- (2) A unidade é exigida, o *Outro* e o *Eu* unem-se imediatamente: É uma relação de coincidência e participação. O Eu e o Outro, perdem-se um no outro.

*Mas aqui o Eu deixa de ser soberano: a soberania está no Outro que é o único absoluto*<sup>46</sup>

- (3) A relação não tende para a unidade, não serve a unificação e a designamos como *múltipla*, onde o outro é tão somente o outro.

Relação que designamos como *múltipla*, unicamente por que o Uno não a determina, relação móvel-imóvel, inumerável e sem número, não indeterminada, mas indeterminante, sempre se deslocando e não tendo lugar. Experiência onde o *Outro*, o próprio *Exterior*, transborda todo positivo e todo negativo, é a presença que não remete ao Uno e à exigência de uma relação de descontinuidade onde a unidade não está implicada. Jamais um é compreendido pelo outro, jamais forma com ele um conjunto, nem uma dualidade, nem uma unidade possível; um estranho ao outro, sem que esta estranheza privilegie um ou outro. O outro é a presença própria do outro, em sua infinita distância e, como absolutamente outro, radicalmente estrangeiro.<sup>47</sup>

Berenstein em agosto de 2006, em supervisão CIPT apontou que:

---

<sup>45</sup> Blanchot (2001) p112 até p130.

<sup>46</sup> Idem p131 até 137.

<sup>47</sup> Idem.

*Estar vinculado é diferente de estar junto ou numa relação; estar junto quer dizer um sujeito e outro sujeito (1 e 1) uma relação é um sujeito mais um sujeito que somados são dois (1+1=2), e o vínculo é 2. É fazer algo com, o jogo das diferenças promove o vínculo.*

Tomar contato com essa diferença e fazer algo com isso. Esta seria a constituição e a dinâmica própria do vínculo<sup>48</sup>. O casal se constrói no vínculo e nele se subjetiviza e resubjetiviza. Barthes (1976-1977), a propósito do *desejo do dois*:

*Dois é o suspense de Um (e Um é prenhe de Dois).<sup>49</sup>*

Acreditamos que as concepções de Blanchot, (2001) expostas na *A conversa Infinita* elucidam e ampliam essa idéia. O desconhecido, sempre fora de alcance, o não visível, a exterioridade, a relação com as áreas inacessíveis do outro, esta *presença* impossível é que se faz relação, faz-se vínculo. Compreender um pouco mais a respeito das relações de poder e violência auxilia muito na clínica. Além das interpretações clássicas ligadas à teoria da sexualidade, em muitos momentos, precisamos incluir interpretações que abarquem as relações de poder, onde um, ao tentar impor um alheio, possibilita um tipo de trabalho que pode subjetivar ou desubjetivar.

## Referências

- Arendt, Hanna (1958). *A Condição Humana*. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 10 edição, 5 reimpressão 2005.
- Asiner, Daniel. F.(2001). *Acerca de Cratos:El poder y la violencia en los vínculos*. In: *La Pareja y sus anudamientos*. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Barthes, Roland (1953). *O Grão da Voz*. São Paulo. Martins Fontes.2004.
- Barthes, Roland (1976-1977). *Como Viver Junto*. São Paulo. Martins Fontes. 2003.
- Barthes, Roland (1995). *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: EstaçãoLiberdade,2003.
- Berenstein, Isidoro (1987). *Psicoanalizar uma Família*. Buenos Aires: Paidós Psicologia Profunda. 1ª edição 1987, 2ª reimpressão 1996.
- Berenstein, Isidoro & Puget, Janine (1993). *Psicanálise do Casal*. Porto Alegre: ArtesMédicas
- Berenstein, Isidoro (2001). *El Sujeto Y El Otro De la ausencia a la presencia*. Buenos Aires: Paidós Psicologia Profunda
- Berenstein, Isidoro (2001). *Notas sobre la Violência*.Conferência realizada no Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Porto Alegre.RS. Brasil.
- Berenstein, Isidoro (2004). *Devenir Outro Com Outro(s) Ajenidade,presencia, interferência*. Buenos Aires: Paidós Psicologia Profunda.

---

<sup>48</sup> Berenstein, I, em supervisão no Instituto Contemporâneo (2006)

<sup>49</sup> Barthes, R. (1976 - 1977) *Como Viver Junto*, p183.

Berenstein, Isidoro (2006). Amor, poder y sexualidade en los vínculos em la contemporaneidad. Conferência realizada no Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade por ocasião da VII Jornada Anual do Contemporâneo – O Sujeito e seus Vínculos. Porto Alegre, agosto, 2006.

Berenstein, Isidoro (2006) em entrevista do Jornal do Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade por ocasião da VII Jornada Anual do Contemporâneo – O Sujeito e seus Vínculos. Porto Alegre, agosto, 2006.

A Psicanálise dos Vínculos por Isidoro Berentein. Perguntas formuladas pelo grupo de estudos em Psicanálise dos Vínculos coordenado pela Psicanalista Ângela Piva. Diálogos Contemporâneos. Edição n 2- Jul/06. Ano 02- Porto Alegre- RS- Brasil.

Bezerra, J. Benilton (2005). A violência como degradação do poder e da agressividade. In: *Pensando a Violência com Freud. A Brasileira na Cultura*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, SBPA de POA, nov. 2005.

Birman, Joel (2000). *Mal-Estar na Atualidade. A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4 edição, 2003.

Blanchot, Maurice (1969.) *A Conversa Infinita a Palavra Plural*. 2001

Burin, Mabel & Meler, Irene (1998). *Género Y Familia en al Construcción de la Subjetividad*. Buenos Aires: Paidós Psicología Profunda 2 reimpreión, 2001.

Deleuze, Gilles (1953-1974). *A Ilha Deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras LTDA. 2006.

Foucault, Michel (1979). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 5 edição, 1985.

Foucault, Michel (1970-1982). *Resumo dos Cursos do Collège de France*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Foucault, Michel (1926-1984). *Estratégias, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, in coleção Ditos & Escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1ª Edição 2003.

Francischelli, L.A. Breves Considerações Sobre o Mal (nosso de cada dia). In: *Pensando a Violência cruzamentos 2* (org) Fernando Kusler e Bárbara Conte. São Paulo: Editora Escuta.

Granã, Roberto B. *A Carne e a Escrita – Um Estudo Sobre a Criação Literária*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

Kunazler, Fernando & Conte, Bárbara organizadores. (2005) *Pensando a Violência*. São Paulo: Editora Escuta.

Krakov, Héctor, A. (2001). *El mundo vincular y la clínica psicoanalítica*. In: *La Pareja y sus anudamientos*. Buenos Aires: Lugar Editorial.

Laplanche & Pontalis (1998). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Lévi-Strauss, Claude (1949). *As Estruturas Elementares de Parentesco*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes (1982).

Losso, Roberto (2001) *Psicoanálisis de La familia recorridos teóricos-clínicos*. Buenos Aires: Distribuidora Lúmen.

Machado, Elisabeth Mazon (2005). Violência ou Poder: O que ocorre dentro da sala de aula? Uma leitura a partir de Hannah Arendt. In: *Anais do Fórum Internacional de Cidadania-FIIC-Santo Ângelo*. RS. Brasil. 2006.

Meller, Lores Pedro. (2005). *A Violência em Freud*. In: *Pensando a Violência com Freud. A Brasileira na Cultura*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, SBPA de POA, nov. 2005.

- Puget, Janine (2001). (org). *La Pareja y Sus Anundamientos erotismo-pasión-poder-trauma*. Buenos Aires: Lugar Editorial S.A
- Morin, Edgar (2005). *Novos paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas 2005.
- Puget, Janine (2002). Las relaciones de poder, solidaridad y racismo. *In: Seducción, dominio y poder – Psicanálisis de las Configuraciones Vinculares – Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo*. Buenos Aires, Tomo XXV, número 1 – abril, 2002.
- Schüller, Donaldo (2005). A História da Violência – Genocídios. *In: Pensando a Violência com Freud. A Brasileira na Cultura*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de psicanálise, SBPA de POA, nov.2005.